

O SELF: IDENTIDADE ORIGINAL A PARTIR DE CHARLES TAYLOR*THE SELF: ORIGINAL IDENTITY FROM CHARLES TAYLOR*Jean Rodrigo Pinheiro¹Vitor Hugo dos Reis Costa²

RESUMO: O presente artigo quer trazer a reflexão o pensamento tayloriano acerca do tema da identidade original, *Self*, e sua constituição nas relações sociais dialógicas pela via da narração, das avaliações e articulações, e do reconhecimento. Dizer o *quem sou* desenvolve-se na mesma medida em que o agente vai se relacionando e projetando sua vida. Narrar o *quem sou* é avaliar o *quem fui* e o *quem quero ser*. Reconhecer a identidade pessoal é reconhecer seu lugar no mundo, seu jeito próprio de ser, seu *self* original. Pensar as fontes da identidade pessoal é pensar as fontes culturais, sociais e humanas. Charles Taylor, propõe uma retomada da identidade a partir da ação ético/política. Sendo assim, a construção da identidade pessoal vai dando-se na medida em que o agente humano se desenvolve no campo social.

Palavras-chave: *Self. Identidade Original. Identidade Narrativa. Charles Taylor.*

ABSTRACT: The present article wants to bring to the reflection the Taylorian thinking about the theme of the original identity, *Self*, and its constitution in the dialogical social relations through the way of narration, evaluations and articulations, and the recognition. To say who I am develops to the same extent in which the agent is relating and projecting his life. To narrate who I am is to evaluate who I have been and who I want to be. To recognize personal identity is to recognize your place in the world, your own way of being, your original self. Thinking about the sources of personal identity is thinking about cultural, social and human sources. Charles Taylor, proposes a resumption of identity from ethical / political action. Thus, the construction of the personal identity is given in the measure in which the human agent develops in the social field.

Keywords: *Self. Original Identity. Narrative Identity. Charles Taylor.*

1. Introdução

Diante da problemática da identidade pessoal, uma pergunta é demandada assim como o leito de um rio a correr por toda a história da antropologia filosófica: ‘quem sou eu?’. Este é o drama em que os filósofos se encontram ao perceberem a dificuldade, ou melhor, o desafio em ‘como eu posso ser reconhecido como o mesmo em diferentes locais e/ou tempos?’. Quem nunca se encontrou, num processo de autoconhecimento, com a dificuldade de falar sobre si mesmo? Ou mais, diante da própria imagem refletida no espelho, perguntar-se: ‘quem sou eu?’ Entremeio a esta angústia existencial vem à tona a proposta de uma identidade pessoal,

¹ Especialização em Filosofia da Contemporaneidade pelo programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai. Graduado em Filosofia (Licenciatura Plena) pela Fapas - Santa Maria. Currículo Lattes: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8041497Y3>> E-mail: jean.rodrigo.p@hotmail.com.

² Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da referida universidade. Currículo Lattes: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4439142J2>> E-mail: victordafilosofia@gmail.com

*self*³, que se faz valer na medida em que vamos dando significado a nós mesmos, pelas relações com os demais, pela avaliação dos desejos e escolhas, por aquilo que nos é importante e pela projeção de um futuro.

A discussão da identidade pessoal surge no apogeu da modernidade com John Locke⁴ e a questão da memória. Contrapondo a esta posição David Hume⁵ exclui a possibilidade do sujeito como compreensão da identidade pessoal. Com Hegel⁶, principal autor influente do pensamento tayloriano, a luta pelo reconhecimento desenvolve papel crucial no resgate do sujeito e da identidade pessoal relacionado a outrem, e em Hannah Arendt⁷ encontramos a narrativa do ‘quem?’ a qual reelabora a questão do reconhecimento voltado à narração da identidade pessoal, onde saber quem sou é narrar a história de minha vida.

Charles Taylor tem o objetivo, através de toda a sua obra filosófica, esclarecer as características da constituição da identidade do homem. Para tanto, dever-se-á aqui apresentar alguns conceitos elaborados pelo filósofo e decorrentes do linear da história da filosofia, para a melhor compreensão do pensamento tayloriano.

2. Identidade original

Primeiramente, em termos gerais, deve vir a pergunta: *que é o homem?* Remontamos, aqui, a forte influência do pensamento aristotélico na filosofia tayloriana: “o homem é por natureza um animal social” (ARISTÓTELES, 1985, 1253a, l. 14). Por este viés constitui-se o homem dentro de uma comunidade, pois a natureza da comunidade é humana, obra humana, e as relações dentro dela se dão pela necessidade natural de o homem assim viver.

De fato, se cada indivíduo isoladamente não é autossuficiente, conseqüentemente em relação à cidade ele é como as outras partes em relação ao seu todo, e um homem incapaz de integrar-se numa comunidade, ou que seja autossuficiente a ponto de não ter necessidade de fazê-lo, não é parte de uma cidade por ser um animal selvagem ou um deus (ARISTÓTELES, 1985, 1253^a, l. 40).

A questão da identidade pessoal não se encontra de forma explícita em Aristóteles, porém, vincula-se a ele o germe da identidade que está em formação a partir do meio político,

³ Preferimos manter o termo no original, conforme as traduções das obras de Charles Taylor. *Self*, para Taylor, significa nossa própria identidade em sua originalidade. Ou seja, aquilo que somos, de onde viemos, o que queremos, o que nos torna diferentes. Além do mais, “definir-me significa encontrar o que é significativo na minha diferença dos demais” (TAYLOR, 2011, p. 45).

⁴ Ver mais na obra: *O ensaio do entendimento humano*, de John Locke.

⁵ Encontramos a questão da não ausência de identidade pessoal em Hume, na obra *Tratado da natureza humana*.

⁶ Na obra *Fenomenologia do espírito*, de Hegel, encontramos a questão do reconhecimento, fundamental para compreendermos as bases do pensamento tayloriano.

⁷ Ver mais na obra *A condição humana* de Hannah Arendt.

da comunidade. Neste sentido a construção da identidade pessoal liga-se às suas fontes morais, à comunidade⁸. Para Taylor é importante compreendermos esta relação entre o *self* e o bem⁹, identidade e moralidade, para reconstruir o processo pelo sentido da compreensão da identidade pessoal. Sem esta relação o homem perde o seu horizonte significativo, suas possibilidades de escolha do agir diante do sentido da moral.

Vê-se, então, que a capacidade de fazer esta relação entre bem e *self* dá por uma capacidade peculiar do ser humano: a autointerpretação¹⁰, visto que, ao deparar-se com seus desejos e motivações, se encontra também com a possibilidade de interpretar estes desejos e motivações. Isto, segundo o filósofo, é o que diferencia o animal homem dos demais animais, possuidor de uma capacidade autorreflexiva:

Concordo com Frankfurt em que a capacidade de avaliar desejos é atrelada ao nosso poder de autoavaliação, a qual é, por sua vez, uma característica essencial do modo de ação que reconhecemos como humano. Porém, acredito que poderemos chegar mais próximo de definir o que está envolvido nesse modo de ação se fizermos uma distinção maior, entre dois tipos de avaliação e desejo (TAYLOR *apud* ARAÚJO, 2004, p. 84).

Esta capacidade autointerpretativa é o que faz o homem pensar acerca de si mesmo¹¹, e o projeta a uma compreensão de sua identidade. A nossa própria avaliação caracteriza uma essencialidade humana, que possibilita o próprio reconhecimento enquanto ser humano. Assim, Taylor apresenta duas formas diferentes em que o homem anseia pelas realizações de seus desejos e, nestes, as avaliações que implicam num discernimento de escolhas, que valham ao que lhe é de mais importante, implicando na realização de sua própria identidade. Sobre o conceito de avaliação tratar-se-á mais tarde.

Voltemos à questão mais crucial desta reflexão: *quem sou eu?* Tal pergunta, para o filósofo canadense, se apresenta de modo a não se encerrar em um nome ou uma genealogia,

⁸ O pensamento de uma identidade constituída a partir da comunidade também se desenvolve na psicologia de forma semelhante com Erik H. Erikson. Para isso ver *Identidade, Juventude e crise e Infância e sociedade*, de Erik H. Erikson.

⁹ Segundo Araújo, “é em torno do problema de identidade que Charles Taylor desenvolve suas concepções em relação ao problema das ações humanas no espaço de convívio entre os diversos grupos” (ARAÚJO, 2004, p. 13).

¹⁰ “Segundo Taylor, os seres humanos são o tipo de seres para quem as coisas importam. Isto é algo que distingue nossa identidade ou nossa autoidentidade (a autodescrição narrativista de nosso *self*) de tudo o que existe no mundo. Procuramos muitas vezes em nossas vidas diárias articular as coisas que importam para nós e isso acontece por meio da linguagem. A afirmação de que nós somos seres autointerpretativos implica também a exigência de sermos seres de linguagem” (MORAES, 2012, p. 17)

¹¹ “Só somos um *self* na medida em que certas questões nos importam. O que sou enquanto *self*, minha identidade, define-se essencialmente pela maneira como as coisas têm significação para mim. [...] Assim, um fato crucial sobre um *self* ou uma pessoa que sobressai de tudo isso é que ele não é um objeto no sentido comumente entendido. [...] Mas só somos um *self* na medida em que nos movemos num certo espaço de indagações, em que buscamos e encontramos uma orientação para o bem” (TAYLOR, 1997, p. 52).

nem tão somente aquilo que faço ou deixo de fazer. Mas dada a questão sobre a identidade, valoriza-se de tal forma tudo o que compete ao homem e sua posição diante do mundo, das escolhas, das realizações, da história, daquilo que pensa, fala ou faz, para resumir, daquilo com o qual ele se identifica.

O que nos responde de fato essa interrogação é uma compreensão daquilo que tem importância crucial para nós. Saber quem sou é uma espécie de saber em que posição coloco-me. Minha identidade é definida pelos compromissos e identificações que proporcionam a estrutura ou o horizonte em cujo âmbito posso tentar determinar caso a caso o que é bom, ou valioso, ou o que se deveria fazer ou aquilo que endosso ou a que me oponho. Em outros termos, trata-se do horizonte em que sou capaz de tomar uma posição (TAYLOR, 1997, p. 43 - 44).

Dado que aquilo que identifica o homem tal como ele é, diante da posição em que ele se compreende, pode-se dizer que a identidade também é formada pela opção de vida moral e espiritual que tal pessoa toma. Um homem, cuja religião é cristã ou judaica, é parcialmente reconhecido como tal, mas não numa totalidade de identidade. Assim como se pode definir pela sua nacionalidade, brasileiro ou canadense. O carácter denotado aqui não é o de uma definição total de tal identidade, mas o da compreensão de suas escolhas e posição.

Sabe-se que, quando alguém diz ‘sou católico’, as ligações *a priori* a esta informação são dotadas de significantes à identidade desta pessoa. Compreende-se, desde então, valores, visão de vida, o que pensa sobre o bem, ou o que se lhe é admirável ou de mais valioso (TAYLOR, 1997, p. 44). Assim, o pertencimento a grupos é elemento necessário, mas insuficiente para a definição da identidade de uma singularidade humana. Vejamos, pois, o que mais comparece como elemento definatório da formação e identificação de uma identidade original.

3. Crise de identidade e orientação

Se aquilo que é valoroso, valioso, a orientação e visão de mundo, e aquilo que lhe é de mais admirável, característicos da identidade original do agente humano, não são reconhecidos diante da posição com a qual se ocupam, estes acarretam, no que Taylor chama, uma crise de identidade. Tal crise provém de uma desorientação à qual a pergunta ‘Quem sou eu?’ perde os seus significantes. A orientação se relaciona diretamente com a identidade.

É o que denominamos “crise de identidade”, uma forma aguda de desorientação que as pessoas costumam exprimir em termos de não saber quem são, mas que pode também ser vista como uma incerteza radical acerca da posição em que se colocam. Falta-lhes uma estrutura ou horizonte em que as coisas possam assumir um significado estável e algumas possibilidades de vida possam ser julgadas boas ou

significativas e outras, ruins ou triviais. O significado de todas estas possibilidades fica impreciso, instável ou indeterminado. Trata-se de uma experiência dolorosa e assustadora (TAYLOR, 1997, p. 44).

A orientação, cuja falta expressada aqui é dolorosa e assustadora, remonta um espaço moral. Saber o ‘quem sou’ é orientar-se num espaço moral¹², significando aquilo que se pode escolher, acerca do que é bom, mais valioso, mais virtuoso, e que realiza as estruturas morais do indivíduo na comunidade.¹³

Para Taylor, há algumas facetas diante da autoconsciência da própria identidade a partir de determinadas orientações. Uma delas é respondida por uma interpretação que é histórica: “certos desenvolvimentos de nossa autoconsciência constituem uma pré-condição de nossa formulação da questão em termos de identidade” (TAYLOR, 1997, p. 45). Para isso, nota-se que certas questões morais remontam as mesmas questões em voga para nossos antepassados, e passam a carregar consigo universais que fundamentam as estruturas morais vigentes. Um exemplo bem específico remete à questão do direito à vida e à integridade¹⁴.

Outra faceta da orientação moral de nossa identidade é a facilidade com que colocamos o próprio *self* sob a condição de objeto de nosso falar. Esta condição se dá quando queremos reconhecer a identidade do outro, ou, simplesmente, a nossa orientação. Tal desenvolvimento acontece quando descobrimos de imediato a personalidade da pergunta: *quem?*

A pergunta “Quem?” é feita a fim de situar alguém como interlocutor potencial numa sociedade de interlocutores. “Quem fala?” – dizemos ao telefone. Ou “Quem é aquela pessoa?” – apontamos para alguém do outro lado da sala. A resposta vem em forma de nome: “Sou Joe Smith”, acompanhada muitas vezes por uma declaração de relação: “Sou cunhado de Mary”, ou do papel social: “Sou o técnico” ou “O homem que você está apontando é o Presidente”. [...] Ser alguém que se qualifica como um objeto potencial desse tipo de pergunta é ser um interlocutor entre outros, alguém com seu próprio ponto de vista ou seu próprio papel, que pode falar por si mesmo (TAYLOR, 1997, p. 46).

A capacidade de responder por si próprio revela uma capacidade de falar, refletir, reconhecer interpretar a si próprio. Se nos é potencialmente apresentada a capacidade de falar de si próprio, o que Taylor diz ser a autointerpretação, então a identidade da pessoa remete a

¹² O espaço moral, referido aqui, é o espaço de diálogo constitutivo social. “Definimos nossa identidade sempre em diálogo com as coisas que nossos outros significantes desejam ver em nós – e por vezes em luta contra essas coisas” (TAYLOR, 2000, p. 246). Tal diálogo, necessário para a identidade, explicaremos num artigo futuro.

¹³ Na comunidade, a orientação primordial, para o campo moral, se dá de forma a mirar ao bem. O bem é o alvo do reconhecimento de si mesmo na comunidade. Porém, “a orientação para o bem não é um elemento extraopcional, algo que podemos aceitar ou não à vontade, mas um requisito de nossa condição de *self* como uma identidade” (TAYLOR, 1997, p. 96).

¹⁴ Podemos ainda encontrar a questão do direito à vida e à integridade nas obras: *Fundamentos da metafísica dos costumes*, de Immanuel Kant, e, mais recentemente, *Levando os direitos a sério*, de Ronald Dworkin.

sua capacidade de escolher e interpretar aquilo que escolhe¹⁵. Assim, a nossa identidade “é aquilo que nos permite definir o que é e o que não é importante para nós. Ela é que torna possível essas discriminações, inclusive daquelas que dependem dessas avaliações” (TAYLOR, 1997, p. 47)¹⁶.

Para tanto, há de se pensar que vias probatórias corroboram para o delineamento da identidade, reconhecidamente original. Ora, Taylor salienta que, além da crise e das normativas orientadoras que valoram nossa capacidade de autoconhecimento e formação de si mesmo, podemos ter presente nossa capacidade de constantemente avaliarmos as regras morais que nos são impostas e que impomos a nós mesmos. Para isso analisaremos as formas de avaliação que dão significado a identidade original, ao *self*.

4. As formas de avaliações

Dado que o homem é um animal social, que possui um sentido de autointerpretação, e visa o autoconhecimento, Taylor salienta que há um fator imprescindível para o conhecimento de si mesmo: as avaliações. Estas avaliações possuem significado a partir daquilo que se deseja e se escolhe. O objetivo do filósofo é mostrar que aquilo que se anseia de mais valoroso para si, o é na medida em que toma significado para o agente humano, seja um significado particular, seja um significado na comunidade. O homem busca o reconhecimento de si mesmo nas realizações de seus desejos.

Para isso, Charles Taylor apresenta as avaliações e desejos de modo qualitativos, sendo elas fracas ou fortes:

O que o filósofo canadense pretende explicitar, ao considerar os dois tipos de avaliação, é o problema relacionado ao valor (*Worth*) como elemento constituinte da ação desejante do agente humano. A distinção entre *weakevaluation* (avaliação fraca) e *stronge valuation* (avaliação forte) é o que vai dar a direção ao desenvolvimento do pensamento de Taylor para estruturar a sua concepção de ação moral fundamentada na expressividade do agente como sujeito que avalia os seus predicativos desejantes em um sentido forte, isto é, profundo (*deep*) (ARAUJO, 2004, p. 84-85).

¹⁵ Semelhante ao pensamento tayloriano, temos Paul Ricoeur: “a ideia de interpretação acrescenta à simples ideia de significação a de significação para alguém. Interpretar o texto da ação é para o agente interpretar-se a si próprio” (RICOEUR, 1991, p. 211).

¹⁶ “Taylor argumenta que o que ele está chamando de *self* se distingue dessas duas noções de identidades, pois o “*self* só existe no espaço de indagações morais”. Taylor, às vezes, parece nos dizer que quem está nesse status de indagação moral é o que definiríamos como uma pessoa. Uma pessoa é um ser que possui direitos, que é capaz de responder moralmente as indagações feitas sobre ele e que possui inclusive um sentido de si mesmo como um *self*” (MORAES, 2012, p. 16).

Fazendo esta distinção de avaliação forte e avaliação fraca é que se dá entrada na filosofia moral de Charles Taylor. Como possibilidade de conhecimento daquilo que se faz no campo social temos estes dois níveis de avaliação. Porém, a tentativa aqui não é a de igualar os agentes humanos em dois campos de ação, seja ele fraco ou forte, mas o de mostrar o quanto as ações humanas são determinadas por aquilo que lhe é de natural, seja como identidade originária, seja como necessidade de desejos e impulsos de ação. Trata-se de manter-se fiel a si mesmo¹⁷, como capacidade autointerpretativa de conhecimento do seu *self*.

Primeiramente, Taylor expressa sua necessidade de combater a corrente utilitarista, que visa o homem a valorar as suas ações em vista de um consumismo exacerbado, desvinculando-se realmente daquela proposta de busca do que se é de bom para o homem. Todavia, o utilitarismo leva o homem a um profundo calculismo, negando a possibilidade de uma avaliação forte de seus desejos e impulsos.

Sendo assim, o filósofo não limita o desejo ao simplesmente gostar¹⁸, mas o impulsiona àquilo que lhe é realmente desejável, sendo este necessário de uma avaliação.

A visão utilitarista não foca a questão relacionada ao valor ou ainda as suas distinções. É por esse motivo que as suas avaliações podem ser consideradas avaliações fracas, pois elas só julgam as preferências do desejo. Na avaliação fraca, para algo ser julgado como bom (*good*) é necessário somente que seja desejado. Não há, assim, o comprometimento com as formas valorativas que podem constituir o próprio desejo (ARAUJO, 2004, p. 87).

A avaliação fraca tende ao julgamento do que é bom somente ao campo dos desejos, vinculado a um desenraizamento de valores. Este tipo de avaliação é impulsionado não pela identidade original, mas, simplesmente, pela visão calculista de buscar aquilo que lhe é diretamente desejável. Assim, o sentir que algo é bom faz com que a pessoa seja diretamente impulsionada para este mesmo algo, deixando de lado qualquer alternativa (ARAUJO, 2004, p. 87).

Taylor apresenta a noção de contingência incompatível¹⁹ como a impossibilidade de o agente realizar a sua identidade originária. A realização urgente dos impulsos, sem a avaliação consciente do agente, anula o ato de desvelamento de sua identidade. Para isso, se faz necessário um agir responsável. A responsabilidade para com a ação provoca a avaliação

¹⁷ “Ser fiel a mim mesmo significa ser fiel a minha própria originalidade, que é algo que somente eu posso articular e descobrir. Ao articulá-la estou também definindo a mim mesmo, realizando uma potencialidade que é propriamente minha” (TAYLOR, 2000, p. 245).

¹⁸ “Sentimento este de gostar que cria uma ilusão no sujeito, gerando uma confusão no que concerne às suas avaliações em relação aos objetos relacionados” (ARAUJO, 2004, p. 86).

¹⁹ Esta contingência incompatível é o que leva o ser humano ao agir determinado pelo impulso, em perceber que aquilo pelo qual escolhe, e assume como sendo seu não faz parte da sua identidade. Assim, as escolhas nesta ação impedem a realização daquilo que lhe é essencialmente bom.

destes impulsos, os quais elevam aquilo que lhe é de mais original: suas escolhas conscientes e autênticas²⁰. O filósofo dá o exemplo do impulso natural de estar com fome. Mesmo estando neste momento com fome, vou almoçar somente ao meio dia, pois agora quero nadar. Se eu comer agora, não poderei nadar. Porém, ficaria feliz se pudesse ter a melhor das duas alternativas: a piscina estivesse aberta agora para que eu possa nadar e logo comer. (TAYLOR *apud* ARAÚJO, 2004, p. 87).

Se por um lado, a avaliação fraca compete à realização dos desejos desvinculados de um juízo qualitativo de valores de bens, a avaliação forte quer propor uma reflexão acerca dos desejos. Tal reflexão propõe um aprofundamento do desejo na identidade originária. Assim, desenvolvo a capacidade de autointerpretação na medida em que realizo as avaliações fortes daquilo que almejo e espero.

A primeira postura, de base utilitarista, parte do suposto de que a avaliação de nossos desejos se dá através do cálculo das consequências de sua realização; a segunda considera que nossos desejos são avaliados a partir de uma instância qualitativa de valor – a “avaliação forte” se fixa “no valor qualitativo dos diversos desejos”. [...] Para Taylor, a avaliação forte atua com maior “profundidade” do que a avaliação fraca, pois é capaz de fundamentar seus motivos de maneira valorativamente mais articulada (FONSECA, 2004, p. 69).

A articulação²¹ e a responsabilidade²² são as bases de uma avaliação forte. Esta tende ao que podemos dizer um juízo do porquê desejamos tal coisa. Por isso, pode-se dizer que a avaliação forte é devidamente caracterizada como capacidade reflexiva²³ dos desejos, tal que, ao realizar o *self* como característica própria do agente, abarcarão significados às próprias ações, que remontam a identidade.

Se o *self* e o bem estão estreitamente ligados, e nossa identidade baseia-se na escolha reflexiva daquilo que lhe é bom ao indivíduo, Taylor necessita estabelecer uma hierarquia de que é o bem, chegando a formulação do hiperbem, ponto alto daquilo que se possa querer como valor para o *self*.

²⁰ Por autenticidade, Taylor entende que “cada um/uma de nós possui sua própria maneira de realizar nossa humanidade, e que é importante encontrar a si próprio e viver a partir de si mesmo, em contraposição a render-nos ao conformismo de um modelo imposto a nós de fora pela sociedade ou pela geração mais velha, ou pela autoridade religiosa ou política” (TAYLOR, 2010, p. 557 – 558).

²¹ “A articulação seria o processo pelo qual os aspectos de nosso mundo moral são identificados, explicitados, tornados acessíveis e potentes para o agente moral, o que pressupõe uma complexa investigação dos pressupostos culturais de interpretação e das avaliações fortes” (FONSECA, 2004, p. 69).

²² O mesmo corresponde ao agir de forma responsável, base para a avaliação forte dentro do campo moral e, ao mesmo tempo, subjetivo.

²³ “A avaliação forte, caracterizada como modo reflexivo dos desejos, no sentido de verificar a relações destes com o valor, procura esclarecer qualitativamente o que vem a ser os próprios desejos como expressões valorativas da identidade do sujeito humano” (ARAÚJO, 2004, p. 88).

Para Taylor, o hiperbem, sendo uma virtude maior, orienta as fontes morais da identidade. A cultura é fundamentada em valores, hiperbens, os quais são os norteadores das ações comunitárias. Quando há uma necessidade de mudança, tanto por vontade comunitária, quanto por decorrência de superação de valores, há também um conflito, gerador de crise. Em Nietzsche chamamos isso de *transvaloração de valores*²⁴. Na medida em que a transição deste valor é feita, o indivíduo, ou a comunidade, deve reconhecer tal valor como ponto máximo de orientação, já que “os bens mais antigos condenados permanecem, resistem; alguns parecem inerradicáveis do coração humano. Assim, a luta e a tensão continuam” (TAYLOR, 1997, p. 93).

5. Identidade narrativa

Vimos, até aqui, que o espaço moral tem importância crucial na formação da identidade pessoal, à qual, por meio de avaliações fortes e orientação moral, reconhece-se como si mesmo, como *self* autoavaliativo. Taylor salienta a importância da narrativa na orientação da identidade, pois, “a narrativa precisa desempenhar um papel maior que a mera estruturação²⁵ do meu presente” (TAYLOR, 1997, p. 71), compreendendo aquilo que sou, num processo histórico de reconhecimento das orientações desenvolvidas, das formas de escolha, dos desejos e aspirações. Não obstante, “o que sou tem que ser entendido como aquilo que me tornei” (TAYLOR, 1997, p. 71).

Para isso, pensar na capacidade de reflexão da identidade pessoal é compreender a história do próprio agente humano na vivência de relações com seus significantes, sejam pessoas, coisas, sentimentos ou projetos. Esta reflexão tem imediatamente efeito na ética:

Reconhecer-se como possuidor de uma identidade humana faz com que o indivíduo formule as avaliações como modo de orientação em relação aos problemas éticos. No entanto cabe lembrar que as avaliações feitas pelos indivíduos não podem ser confundidas como mera reflexão sobre as condições de realização da ação moral. As avaliações produzem um diferencial qualitativo na ação dos agentes que gera determinadas práticas virtuosas (ARAUJO, 2004, p. 150).

Se tais avaliações são produtoras de práticas virtuosas, notemos aqui o quão são imbuídos na identidade os valores que orientam a vida do agente humano²⁶. E estes valores

²⁴ Para aprofundamento do conceito, sugerimos a obra *Ecce Homo*, de F. Nietzsche.

²⁵ O conceito de identidade narrativa de Charles Taylor é similar ao conceito de unidade narrativa de Paul Ricoeur: “A ideia de unidade narrativa de uma vida nos assegura assim que o sujeito da ética não é diferente daquele a quem a narração destina uma identidade” (RICOEUR, 1991, p. 2010).

²⁶ Remetemos aqui ao conceito de hiper bem já apresentado.

não são meros frutos do acaso, ou, simplesmente, acontecem aleatoriamente na formação da identidade, mas são frutos de uma escolha radical, de uma vivência reflexiva das ações e aspirações²⁷. Os valores morais são parte da narrativa da identidade pessoal do indivíduo.

Assim como sou aquilo que sou, até então sendo o que fui, a identidade pessoal também se realiza na narrativa de projeção do futuro²⁸. Se tenho orientação e valores fortes em minha originalidade, as minhas escolhas como projeto de vida são parte ainda de minha identidade²⁹. O agente, ao projetar-se, narra àquilo que lhe é de original, idêntico, reconhecendo-se como autor da própria história de vida.

Ao pensar na narrativa da história do indivíduo, Taylor quer reforçar o pensamento de que a reflexão da identidade pessoal pela história é de certa forma uma estruturação do *self*. Isso requer, primeiramente, um impulso em reconhecer-se como agente condutor da própria história. Saber reconhecer-se como protagonista, condutor, diretor da própria história, é movimentar-se para a orientação das suas escolhas³⁰. Saber reconhecer-se no espaço moral é projetar-se.

Em outros termos, o agente humano precisa saber qual é a posição moral em que se encontra para projetar-se. A base de um projeto de vida é o autoconhecimento. Não basta apenas saber colocar-se no espaço moral como mero vivente entre outros viventes, mas buscar um sentido das vivências³¹. Este sentido é a causa da busca pela autenticidade da própria identidade.

5. Considerações finais

²⁷ “Os valores fortes, mesmo sendo a base para a construção da identidade moral, não tornam estáticos os agentes, pois o *self* não tem uma unidade substantiva, como se ele fosse algum tipo de entidade que perdurasse ao longo do tempo. Mesmo aparentemente findada a construção da identidade do *self*, ele continua se projetando para mais adiante” (ARAUJO, 2004, p. 151)

²⁸ Para compreender a narrativa da identidade pessoal “temos que fazer movimentos de avanço e recuo temporal a fim de obter uma avaliação real” (TAYLOR, 1997, p. 71) de nossa orientação no espaço moral e na reflexão da identidade.

²⁹ A ideia de uma identidade na noção de como viemos a ser e para onde estamos indo se desenvolve com base no pensamento heideggeriano. Para isso, será preciso ver a obra magna de Heidegger *Ser e tempo*.

³⁰ “A orientação no espaço moral mostra-se mais uma vez similar à orientação no espaço físico. Sabemos onde estamos por meio de uma mistura de reconhecimento de marcos que temos diante de nós e de um sentido de como viajamos para chegar ali” (TAYLOR, 1997, p. 71).

³¹ “O agente moral só poderá ter uma autêntica avaliação sobre as suas ações se estiver interessado em investigar o processo de elaboração do seu próprio *self*. Com o processo narrativo, Taylor procura desenvolver uma espécie de autoconsciência do agente em relação as suas experiências no espaço moral, o seu propósito é mostrar que as ações humanas estão imbuídas de preocupações valorativas. São essas preocupações que fazem com que o agente se volte para si mesmo para identificar as suas motivações no plano das ações morais” (ARAUJO, 2004, p. 152).

Conforme o diagnóstico de Charles Taylor e o que aqui foi apresentado para investigação acerca da identidade pessoal e suas origens, vimos que a identidade do agente humano (assim chamado por sua capacidade de agir) se desenvolve diretamente no campo das relações humanas e suas implicações com os seus significantes humanos. Esta relação é fruto de uma identidade original que se autointerpreta na medida em que avalia as suas ações por bens orientadores. O espaço moral é fundamental para a compreensão do self. Neste sentido, o reconhecimento de si mesmo e do outro tornar-se-ão essenciais para a estruturação de conhecimento da própria identidade. Para isso, o homem deve reconhecer-se num processo dialógico narrativo com seus significantes, como pertencente ao meio onde vive, realizando um projeto de vida que visa a autossatisfação e da comunidade. A identidade, portanto, adquire significação original em diálogo com os demais agentes sociais.

A questão agora demanda certo aprofundamento histórico social do tema da originalidade do reconhecimento. Se outrora este tema não obtinha tal importância para a sociedade, hoje é o foco de muitos filósofos, tanto para a área das relações humanas como para a compreensão do autoconhecimento. Afinal, somos ou não necessitados do reconhecimento?

Referências bibliográficas

ARAUJO, Paulo Roberto M. de. **Charles Taylor: para uma ética do reconhecimento**. Edições Loyola. São Paulo, 2004.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Ed. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2000.

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Mario da Gama Kury. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1985.

BELTRAMI, Fábio. **TAYLOR, Charles. A ética da autenticidade**. Revista Conjectura. V. 17, n. 1. Caxias do Sul, Jan/abr. 2012.

CAMATI, Odair. **Autenticidade e reconhecimento em Charles Taylor**. 2014. 96 f. Dissertação de Mestrado (Mestre em Filosofia) – Universidade de Caxias do Sul.

DWORKIN, Ronald. **Levando os direitos a sério**. Martins Fontes: São Paulo, 2002.

ERIKSON, Erik H. **Infância e Sociedade**. Ed Zahar: Rio de Janeiro, 1976a.

_____. **Identidade, juventude e crise**. Ed. Zahar: Rio de Janeiro, 1976b.

FONSECA, José Sérgio Duarte da. Manipulação genética e a crise da identidade moderna: Taylor, Dennet e o “naturalismo tardio”. **Síntese -Revista de filosofia**. Belo Horizonte, v. 31, n. 99, 2004.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do espírito**. Ed. Vozes: Petrópolis, 1992.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Ed. Nacional: São Paulo, 1964

LASCH, Christopher. **O mínimo eu: Sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. Trad. João Roberto Martins Filho. Ed Brasiliense. Brasília, 1986.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Abril Cultural: São Paulo, 1973.

MORAIS, Alexander Almeida. **O self narrativo em Charles Taylor e Shaun Gallagher**. 2012. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ética e Epistemologia) – Universidade Federal do Piauí – UFP. Teresina - PI.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo: como cheguei a ser o que sou**. Publicações Brasil: São Paulo, 1959.

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro**. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Ed. Papyrus: Campinas, SP, 1991.

TAYLOR, Charles. **A ética da autenticidade**. Tradução de Talyta Carvalho. Realizações Editora: São Paulo, 2011.

_____. **Argumentos filosóficos**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. Edições Loyola: São Paulo, 2000.

_____. **As fontes do self: a construção da identidade moderna**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. Edições Loyola: São Paulo, 1997.

_____. **Hegel: Sistema, método e estrutura**. Tradução de Nélio Schneider. É Realizações Editora: São Paulo, SP, 2014.

_____. **Uma era secular**. Tradução de Nélio Schneider e Luiza Araújo. Editora Unisinos: São Leopoldo, RS, 2010.